

DA NATUREZA METAFÍSICA DOS MUNDOS POSSÍVEIS

Josailton Fernandes de Mendonça

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: Neste artigo examino três distintas teses concernentes ao conceito de mundo possível, a saber, o realismo extremo, o qual se atribui a David Lewis, o realismo moderado, à luz das concepções de Robert Stalnaker e, finalmente, detenho-me em analisar o conceito em Saul Kripke, apoiado em duas de suas obras fundamentais: *Semantical Modal Logic* e em *Naming and Necessity*. A seguinte questão orienta o artigo: considerações em torno de situações contrafatuais engendram o compromisso com a existência de entidades exemplificadoras dessas situações? O objetivo é examinar o compromisso com concepção metafísica dos mundos possíveis nas teorias examinadas.

Palavras-chave: Metafísica, modalidades, realismo, mundos possíveis, acessibilidade.

Abstract: In this article I examine three different theories concerning the possible world concept, namely the extreme realism, which is attributed to David Lewis, moderate realism, in the light of Robert Stalnaker conceptions and finally analyze the concept in Saul Kripke, supported by two of his key works: modal logic semantical and Naming and necessity. The following question guides the article: considerations around counterfactual situations engender commitment to the existence of entities exemplifying these situations? The aim is to examine the commitment to metaphysical conception of possible worlds in the examined theories.

Keywords: Metaphysics, modalities, realism, possible worlds, accessibility.

1. Introdução

Inicialmente podemos tomar a noção de mundos possíveis como uma metáfora para expressar o modo como as coisas são ou podem vir a ser. De fato, no discurso comum o uso de expressões que manifestam o juízo, partilhada por todos, de que as coisas podem ser diferentes ou que há uma

série de circunstâncias determinantes do modo de ser das coisas, deixa transparecer a crença de que a realidade não é tão absoluta quanto parece. Em geral, as pessoas partilham a crença de que a realidade encontra-se fundada em possibilidades e é logicamente possível o que não implica em contradição. Por exemplo, a grama é verde, mas não é logicamente contraditório que esta grama seja vermelha, ou azul, ou de qualquer outra cor. É contraditório, contudo, que a grama seja verde e não verde ao mesmo tempo e, assim, não haveria um mundo possível com tal grama. Neste sentido, a noção de mundo possível é capaz de prover uma análise esclarecedora do discurso cotidiano.

Atualmente, como se sabe, o conceito de mundo possível é de uso comum por filósofos analíticos e lógicos. Em particular, o conceito mostra-se bastante eficaz como expressão das modalidades – “Necessidade” e “Possibilidade”. As expressões que indicam os atributos das coisas e que são acompanhadas de locuções como, “É necessário”, “É possível”, deixam transparecer a crença na existência de propriedades essenciais e contingenciais nos objetos, por exemplo, na frase “Todo corpo é necessariamente material” é transmitida a crença que é da essência ou da natureza dos corpos serem feito de matéria; na frase “Eu poderia tocar essa flauta” transparece minha crença que certas ações, como tocar flauta, é algo accidental, poderia saber tocá-la ou não dependendo das circunstâncias.

Dessa forma, ao considerar a infinidade de alternativas para o modo como as coisas são, os proponentes da noção de mundos possíveis defendem a existência de uma pluralidade de mundos possíveis, dentre este o mundo atual. O mundo atual é possível porque tudo que há nele é logicamente possível, em outras palavras, o mundo atual, como qualquer mundo possível, abomina a contradição lógica. Observemos, no entanto que tudo que é logicamente possível não se esgota no mundo atual.

Para Leibniz (1960) a categoria de mundos possíveis é, sobretudo, metafísica. Deus escolhe entre todos os possíveis o melhor e no melhor dos mundos há o máximo de variedade. Com efeito, desde que, o que não implica contradição é possível, o atual não deve sua existência a uma necessidade absoluta – observe que nesse caso sua não existência implicaria uma contradição – mas sim ao princípio do melhor – razão suficiente de todos os existentes. Com isso, Leibniz quer abarcar em um horizonte ilimitado toda a realidade integrando duas categorias fundamentais, a saber, a unidade e a multiplicidade, de maneira que, nenhum indivíduo possui uma réplica possível.

Mas o que significa dizer que mundo possível é uma categoria metafísica? Basicamente, que a expressão indica um tipo de entidade, um

mundo alternativo ao atualmente existente. Neste contexto é um problema bastante debatido entre os filósofos saber se essa entidade é abstrata ou concreta. Outro problema igualmente muito discutido é o da relação entre a semântica modal e a metafísica: a questão é que corriqueiramente o uso da expressão “mundo possível” tem, como dissemos, o caráter metafórico, mas a partir do considerável poder heurístico que a expressão tem em seu uso na semântica das modalidades, surge questões como a de se saber se a semântica modal está ou não comprometida com a existência de entidades alternativas.

Por outro lado, para os críticos, a metafísica dos mundos possíveis é indefensável haja vista, ao menos, três dificuldades: primeira, refere-se à prioridade ontológica do mundo atual sobre os demais mundos possíveis. Ao que parece, os teóricos da metafísica dos mundos possíveis deixam transparecer que mundo atual e mundos possíveis não são do mesmo tipo, embora eles se esforcem para demonstrar que sim, o mundo atual é um dos infinitos mundos possíveis. A segunda dificuldade é a apontada por Susan Haack (2002). De acordo com Haack, afirmar que “existem outras maneiras como o mundo poderia ser” não é a mesma coisa que se referir a uma entidade nomeada “a maneira como o mundo pode ser”. Nesta mesma linha, Kripke (2012) afirma que situações contrafatuais podem ser pensadas ou consideradas quando tratamos de qualificar modalmente os valores de verdade das proposições, mas isso não significa um compromisso com mundos alternativos, os quais poderiam ser descobertos com telescópios. E finalmente, uma terceira dificuldade: (i) postula-se uma pluralidade de mundos possíveis, mas é assumido que (ii) somente um desses mundos é o atual, os demais são meramente possíveis. Mas, o que é meramente possível não existe, portanto, somente o mundo atual é possível, o que incompatível a tese (i). O antagonismo sugere uma dificuldade para o estabelecimento da natureza metafísica dos mundos possíveis.

De qualquer forma, ao que parece, as três dificuldades decorrem de uma questão fundamental: um mundo alternativo é realmente possível? Em outras palavras, considerações em torno de situações contrafatuais engendram o compromisso com a existência de entidades exemplificadoras dessas situações? Com o propósito de discutir este assunto, examinarei três concepções de mundos possíveis da tradição filosófica analítica recente: o realismo extremo de David Lewis (1986), para o qual mundos possíveis existem concretamente e são da mesma espécie do mundo atual, ademais, não podem, na sua análise, ser reduzido a coisas ou conceitos mais elementares; o realismo moderado, que concerne à tese segundo a qual, de acordo com Stalnaker (2003), mundos possíveis não são objetos concretos

ou situações, mas objetos abstratos cuja existência é inferida ou abstraída da atividade dos agentes racionais. Assim, mundos possíveis não existem independentemente das pessoas (objetos) que podem considerar possibilidades, embora, as possibilidades existam como parte do conteúdo de tais considerações. Finalmente, examinarei, à luz da questão supracitada, a tese de Kripke (2012), segundo a qual, mundos possíveis são situações contrafatuais, cuja existência é dada “(...) pelas condições descritivas que lhes associamos”. Desse modo os mundos possíveis não são descobertos, mas estipulados, no sentido de que, dado o objeto, pode-se sempre perguntar se certos atributos poderiam ter sido verdadeiros para este objeto.

Como resultado, espero indicar o modo pelo qual as três concepções de mundo possível respondem a questão fundamental. Não tratarei, contudo, das minúcias relativas às dificuldades que dizem respeito à defesa de uma metafísica dos mundos possíveis. De fato, a análise dessas dificuldades se estende ao longo da filosofia analítica que trata da semântica da lógica modal. De qualquer forma, me reportarei, ao tratar das concepções mencionadas, a algumas objeções à metafísica dos mundos possíveis.

2. David Lewis: realismo extremo a respeito dos mundos possíveis

Numa passagem bastante citada do *Counterfactuals* D. Lewis (2001, p. 84) expressa sua concepção de mundo possível. Escreve ele:

Acredito que haja outros mundos possíveis tanto quanto há o nosso mundo. Se um argumento é necessário para isto é o seguinte: é incontroverso que coisas verdadeiras poderiam ter sido diferentes do que são. Acredito, e você também, que as coisas poderiam ter sido diferentes de incontáveis modos. Mas o que isto significa? A linguagem ordinária permite parafrasear: muitas coisas poderiam ter sido de outro modo, além do modo que atualmente são. (...) Digo que existe muitas entidades para uma certa descrição “modos como as coisas poderiam ter sido”. Acredito que coisas poderiam ter sido diferentes de incontáveis modos. (...) acredito, portanto, em entidades que poderiam chamar-se “modos como as coisas poderiam ter sido”: Mas prefiro chama-los de mundos possíveis.

A concepção expressa à ideia de que para cada “modo como as coisas poderiam ter sido” há uma entidade que é o referente dessa expressão. Visto que para cada estado do mundo atual há uma variedade de

estados alternativos, existirá uma variedade dessas entidades que exemplificam o “modo como as coisas poderiam ser”. Neste sentido, mundo possível é uma alternativa histórica que resultaria da atividade dos agentes racionais, na medida em que, tais mundos seriam postulados quando se expressasse um discurso modal. Assim, uma proposição dita no nosso mundo atual, “Sócrates poderia ter sido político”, expressa uma estado de coisa verdadeiro em algum mundo possível, isto é, existirá uma entidade que exemplificará a proposição “Sócrates é um político”. Inicialmente, poderíamos pensar que, nestes termos, os mundos seriam entidades abstratas, para efeito da análise modal. Todavia, Lewis não percorre este itinerário, para ele estes mundos existem concretamente, o que significa dizer que, para qualquer coisa a qual poderia ser o caso, há um mundo em que o caso é. Isso sugere afirmar a existência real de uma pluralidade de mundos.

Quando eu professo realismo sobre possíveis mundos, eu quero que seja tomado literalmente. Mundos possíveis são o que são, e não alguma outra coisa. Se perguntam que tipo de coisa que eles são, eu não posso dar o tipo de resposta que meu interlocutor provavelmente espera: isto é, uma proposta para reduzir mundos possíveis a outra coisa. Eu só posso pedir-lhe para admitir que ele sabe o tipo de coisa que nosso mundo atual é, e, em seguida, explicar que mundos possíveis são coisas desse tipo, diferindo não em espécie, mas apenas no que se passa com eles. (LEWIS, 1986, p. 85).

Para Lewis, com efeito, cada mundo possível é fisicamente verdadeiro tal qual o mundo atual. Por conseguinte, cada mundo possível tem o mesmo estatuto ontológico que o mundo atual, o que significa dizer que estar no mundo é estar aberto as incontáveis alternativas de ser. Neste realismo absoluto de Lewis, portanto, o mundo atual é apenas um dos infinitos mundos possíveis e cada qual é atual em relação ao outro tomado como referência.

Mas, por que acreditar na realidade de uma pluralidade de mundos? Basicamente, de acordo com Lewis (1986), por razões pragmáticas: a crença na realidade dos mundos possíveis é útil, é teoricamente mais simples, tendo ajudado a esclarecer muitas questões da filosofia da lógica,

da filosofia da mente, da filosofia da linguagem, sobretudo, questões relativas à semântica das modalidades e aos contrafactuais¹. Por isso, apesar os mundos possíveis serem inacessíveis à experiência, de acordo com Lewis (1986), existe razão para pensar que são verdadeiros.

Dada esta condição e considerando que, de acordo com Lewis (1974), o mundo atual não tem prioridade ontológica sobre os demais mundos possíveis como identificar os objetos existentes nos vários mundos possíveis? E, desde que, é sobre esta entidade concreta que se quantifica a lógica modal, como determinar o valor de verdade das sentenças modais? Em resposta a tais questões é oferecida a teoria de Lewis sobre as contrapartes.

A teoria das contrapartes está associada a duas outras ideias: a do isolamento dos mundos possíveis e a da relação de acessibilidade entre mundos. A tese do isolamento assevera que os mundos são espaço-temporalmente autônomos e vigora entre eles qualquer relação causal: nada do que acontece em um mundo será causa de um evento em outro mundo. Afirma Lewis (1986, p. 2):

A algo como planetas remotos: exceto que muitos deles são muito maiores que meros planetas, e eles não são remotos. Nem estão perto. Eles não estão a nenhuma distância seja qual for daqui. Eles não estão longe no passado ou futuro, nem, no que diz respeito ao assunto, perto; eles não estão a nenhuma distância temporal seja qual for do agora. *Eles são isolados: não há relações temporais sob quaisquer condições entre coisas que pertencem a mundos diferentes.* (grifo nosso).

Quanto a acessibilidade, Lewis (2001) a estabelece como uma relação entre dois mundos, em particular, a acessibilidade define restrições ou delimitações no acesso aos mundos, isto é, a restrição determina que mundos possíveis serão admitidos como acessíveis, no caso, o operador de necessidade informa que um enunciado verdadeiro *o* é em todos os mundos

¹ Conforme Rocha (2010, p. 28): Uma situação contrafactual é algo que não é o caso no mundo atual, mas poderia ter sido o caso. Em termos de mundos possíveis, um contrafactual é algo que é falso no mundo atual, mas é verdadeiro em algum mundo possível não-atual. Por isso, as sentenças condicionais que possuem antecedente falso são conhecidas como condicionais contrafatuais. Assim, dizemos que o problema dos condicionais contrafatuais reside na discussão sobre a interpretação vero-funcional da lógica clássica para sentenças condicionais. Nessa interpretação vero-funcional, todas as sentenças contrafatuais seriam verdadeiras, uma vez que sentenças condicionais com antecedente falso são sempre verdadeiras.

possíveis, enquanto o operador de possibilidade delimita ou restringe a verdade de um enunciado verdadeiro a mundos possíveis acessíveis. Lewis ilustra essa ideia com as relações de acessibilidades que abrangem os mundos que são parecidos nomológica e historicamente. Por exemplo, podemos pensar dois mundos possíveis w_1 e w_2 que possuem diferentes leis da natureza e consideremos o mundo atual w_a . Desde que em w_1 vigora as mesmas leis naturais que w_a , entre w_1 e w_a há uma relação de acessibilidade, enquanto, w_2 não é um mundo acessível w_a uma vez que neste ultimo as leis da natureza são diferentes das existentes no mundo atual w_a .

Apoiado na tese do isolamento e da relação de acessibilidade entre os mundos, Lewis responde ao problema da identidade dos indivíduos através dos mundos, substituindo a relação de identidade pela de semelhança ou similaridade. Efetivamente, nenhum indivíduo existe em dois mundos, o que há, na verdade, é o fato de que entre um indivíduo e outro, nos vários mundos possíveis, vigora uma relação de similaridade, tal que, a relação de contraparte é uma relação de similaridade. Assim, todo indivíduo que tem uma contraparte está em um mundo.

A relação de contraparte é nosso substituto para a identidade entre as coisas de diferentes mundos. (...) Eu prefiro dizer (então) que você está no mundo atual e em nenhum outro, mas você tem contrapartes em diversos outros mundos. Sua contraparte se assemelha mais a você do que a outras coisas nesse mundo (...). (LEWIS, 1968, p. 114).

Em consonância com o que assevera Lewis, podemos dizer que, para um indivíduo x em um mundo possível w_u e um indivíduo y em um mundo possível w_v , y é uma contraparte de x em w_v se e somente se nada em w_v é mais similar a x em w_u do que y em w_v .

Portanto, a contraparte de um objeto num mundo possível não precisa nunca ser idêntico ao objeto mesmo. Por exemplo, no caso da sentença “Sócrates poderia ter corrompido a juventude”, a teoria da contraparte especifica as condições de verdade para ela, na medida em que declara que Sócrates (nosso Sócrates do mundo atual) possui uma contraparte em algum mundo possível w , tal que, a esta contraparte aplica-se o predicado da sentença, ou seja, em w há uma contraparte exemplificando a propriedade “ser corrompedor da juventude” e essa contraparte assemelha-se a Sócrates do mundo atual. Consequentemente, a relação de contraparte exime-se da complicada questão da indiscernibilidade dos idênticos à medida que a relação entre objetos no

mundo é estabelecida em termos de semelhança, podendo, inclusive, um objeto ter várias contrapartes em vários mundos possíveis.

Neste caso, podemos afirmar que a propriedade “ser Sócrates”, ou melhor, “ser semelhante a Sócrates” está aberta a diferentes coisas nos vários mundos possíveis e, por conseguinte, a “socrateidade” não se constitui na propriedade de ser idêntico a Sócrates no mundo atual. Todavia, aqui uma dificuldade se apresenta: é sabido que as coisas poderiam ter sido diferentes de muitos modos para Sócrates, ele poderia ter tido muitas propriedades das quais atualmente carece, ele poderia ter sido menos honesto do que realmente foi, neste caso, ele teria sido em algum mundo w , menos do que o apóstolo Pedro foi no mundo atual. Portanto, é possível que Sócrates tivesse sido muito diferente do que de fato ele foi, enquanto Pedro muito parecido com o que Sócrates realmente foi. Logo, a contraparte de Sócrates em w é Pedro, posto que este é mais semelhante a Sócrates do que este a si mesmo em w .

Outra dificuldade decorrente desta refere-se à identidade do objeto que possui contrapartes nos vários mundos possíveis. A teoria da contraparte não pode eximir do fato de que Sócrates não pode deixar de ser idêntico consigo mesmo no mundo atual, embora a teoria possa negar a identidade com Sócrates para os objetos nos mundos possíveis. Em outras palavras, para a teoria, a contraparte de Sócrates é algo muito parecido com ele, mas completamente distinto do mesmo. Portanto, é preciso admitir na tese de Lewis pelo menos uma exigência: da identidade do objeto no mundo atual consigo mesmo. No entanto, considerando que em Lewis, os mundos possíveis existem concretamente, tal como o mundo atual, tem-se o seguinte: ou cada objeto nos mundos possíveis são contrapartes de um objeto, possuidor da identidade no mundo atual e , neste caso, é preciso admitir a diferença ontológica entre mundo possível e mundo atual, ou sendo cada um destes mundos atual em relação aos demais, seus objetos são idênticos consigo mesmo para poder ter contrapartes nos outros mundos. O que é paradoxal.

Além do mais, se consideramos a teoria da verdade como correspondência, a qual é assumida na semântica da lógica clássica, em particular na lógica modal, a metafísica dos mundos possíveis de Lewis não parece satisfatória. Considere a sentença, “Sócrates pode ter sido incorpóreo”; a teoria da contraparte especifica as condições de verdade para ela, a saber, a sentença é verdadeira se e somente se há uma contraparte de Sócrates num mundo possível que é incorpóreo. O problema é que esta contraparte de Sócrates é distinta de Sócrates mesmo, em outras palavras, assemelha-se a Sócrates, não sendo realmente ele. Neste sentido, a noção de

verdade como correspondência é enfraquecida, posto que, a noção de verdade aqui é definida em termos de similitude, ao invés de adequação ao real. Neste ponto, parece que o realismo de Lewis tem dificuldades.

Enfim, retomemos a questão: considerações em torno de situações contrafatuais engendram o compromisso com a existência de entidades, em particular, mundos possíveis, exemplificadores ou instanciadores dessas situações? A resposta de Lewis, nos termos do realismo extremo, parece garantir, de maneira conclusiva, a veracidade da ontologia dos mundos possíveis. No entanto, o que sustenta seu realismo são razões pragmáticas, como ele mesmo afirma (1986, p. 3): “Por que acreditar em uma pluralidade de mundos? Devido à hipótese ser útil é que existe uma razão para pensar que ela é verdadeira”. Essa justificativa, contudo, não suficiente para dirimir as objeções que lhes são dirigidas.

Neste contexto, são muitas as alternativas as dificuldades do realismo de Lewis. Examinarei na seção a seguir o realismo moderado, tal como apresentado e defendido por Robert Stalnaker em um texto de 1976 (revisado em 1984): *Possible World*.

3. O realismo moderado de Stalnaker

O Realismo Moderado proporciona uma posição diferente acerca da natureza dos mundos possíveis. Realistas Moderados defendem a posição que mundos possíveis são entidades abstratas, coisas como propriedades, proposições ou estados de coisas. De acordo com Stalnaker, estas entidades resultam da atividade dos agentes racionais, isto é, são as pessoas que consideram possibilidades e possibilidades só existem como conteúdo de destas considerações. Nesta condição, “(...) fazemos uma separação entre coisas que habitam nosso mundo e as propriedades que as coisas têm, então *imaginamos os indivíduos com diferentes propriedades* e as propriedades instanciadas por diferentes indivíduos, mas, é claro, isto tudo fundamentado no mundo atual...” [grifo nosso]. (STALNAKER, 1987, p. 53).

Embora mundos possíveis sejam reais tanto quanto o mundo atual, não é da mesma natureza que aqueles. Para o realismo moderado, a definição de mundo atual como “o modo como as coisas são” especifica uma propriedade ou estado do mundo não o mundo em si mesmo. Neste sentido, Stalnaker (2003) observa, em objeção a Lewis, que o entendimento, segundo o qual, mundos possíveis são modos como as coisas poderiam ter sido não implica que mundos possíveis sejam somas mereológicas de objetos espaço-temporalmente relacionados. Tal suposição consiste numa confusão entre objetos e as maneiras como esses objetos são. Conforme

explica Jacinto (2013, p. 11) “Ser uma maneira como um objeto é, é ser uma propriedade ou estado do objeto, não o objeto ele mesmo”.

Assim, o atributo da existência, do qual partilha o mundo atual e os mundos possíveis, não iguala a todos sobre a mesma condição, afinal o mundo atual – o modo como as coisas são - tem uma existência concreta. Entretanto, essa existência concreta não é um fato absoluto, mas é assim julgado à luz dos mundos possíveis contrafatuais, ou seja, é com relação ao “modo como as coisas poderiam ter sido” que “o modo como as coisas são” têm o atributo especial da concretude. O mundo atual como o mundo concreto é um fato contingente.

Nesta condição, segundo Stalnaker (2003) o adjetivo “atual” é analisado como um indexical. Os indexicais são expressões linguísticas cujo significado varia em função do contexto. Termos como “hoje”, “você” ou “aqui” são indexicais, pois referem a dias, pessoas e lugares, respectivamente, conforme o contexto em que são utilizados. De maneira idêntica, o mundo atual tem a propriedade especial de ser “o modo como as coisas têm sido” por comparação com os mundos meramente possíveis. Proferida pelos seus habitantes, a expressão “mundo atual” refere ao mundo possível que habitamos, porém, quando usada por habitantes de outros mundos possíveis, a expressão aplica-se ao mundo que eles habitam.

Quando perguntamos se considerações em torno de situações contrafatuais dão origem ao compromisso com entidades nomeadas “o modo como as coisas poderiam ter sido”, Stalnaker (2003) oferece as seguintes diretrizes: primeiro, mundo possível é um conceito formal básico e, portanto, não é uma categoria metafísica. A esse respeito é importante citar o que ele assevera, “O conceito de mundo possível que estou defendendo não é uma concepção metafísica, embora alguém possa aplicá-la provendo uma estrutura para teorizar acerca da metafísica” (STALNAKER, 2003, p. 38). Segundo, dada esta condição, é preciso ressaltar que “... alguém pode aceitar a análise indexical da atualidade enquanto exclui uma ontologia qualquer do universo, como sendo o modo como as coisas podem ter sido” (STALNAKER, 1987, p. 47). Portanto, não há espaço na realidade para outras coisas além do mundo atual. É claro, por outro lado, que o realismo extremo nega esta maneira como Stalnaker interpreta a tese, de acordo com a qual, os habitantes dos outros mundos podem, verdadeiramente, chamar o seu próprio mundo como atual, isto é, a análise da expressão “atual” como indexical é correta. É sabido que a intenção de Lewis com essa concepção é mostrar a equivalência com a tese de que “outros mundos possíveis são do mesmo tipo que o mundo atual”, de tal maneira que, este é uma parcela do conjunto da realidade, constituída por

todos os mundos possíveis. Entretanto, assevera Stalnaker (1987, p. 49), se isso for verdade, “(...) como delinear uma fronteira ao redor daquela parte da realidade a qual é apropriadamente relatada por mim da parte do meu mundo atual? (...) No entanto, se outros mundos possíveis são causalmente desconectados de nós, como podemos conhecer alguma coisa acerca deles?”. Na verdade, essas são algumas das dificuldades que o realismo extremo não consegue eximir-se. Finalmente, para Stalnaker, a conceito de mundo possível é uma ferramenta adequada para revelar as atividades dos agentes racionais quando tratam a respeito de situações contrafatuais. Não nos comprometemos com entidades espaço-temporalmente localizadas quando especulamos a respeito do modo como as coisas poderiam ter sido, tanto quando não nos comprometemos com a natureza dos indivíduos quando tratamos da semântica extensional. Resta examinar o modo como Saul Kripke vê o problema.

4. Kripke: Necessidade e Mundos Possíveis

Saul Kripke é um dos maiores filósofos vivos da atualidade. Seus trabalhos abrangem desde a semântica da lógica modal, passando filosofia da linguagem, filosofia da mente e metafísica. Em todas essas áreas exerce inegável influência sobre as principais linhas de pensamento, sobretudo, da segunda metade do século XX até dos dias atuais.

Neste contexto, a semântica da quantificação da lógica modal desenvolvida por Kripke é uma referência fundamental para qualquer discussão sobre a metafísica das modalidades. Ademais, revelou-se igualmente importante para qualquer reflexão sobre as alternativas ao realismo absoluto de Lewis e mesmo para o realismo moderado de Stalnaker.

Com efeito, para Kripke mundos possíveis se constituem em um artifício teórico que permite o discurso modal ser regulado, haja vista o discurso modal ser complexo e problemático provendo um terreno fértil para ambiguidades. Neste sentido, dizer que uma proposição p é verdadeira em um mundo w é dizer que p seria verdadeiro caso w fosse obtido. Sob esta concepção, enunciados da linguagem comum, contendo noções modais, são redutíveis àqueles expressos em termos de mundos possíveis. Sob essa perspectiva então, o uso que Kripke faz do aparato dos mundos possíveis é mais metodológico e conceitual do que metafísico.

Isso fica claro em *Semantical Considerations on Modal Logic* (1963), em que mundos possíveis se constituem em instrumentos a partir dos quais se obtêm o valor de verdade nas sentenças modais, e é, assim, um

importante recurso metodológico. Entretanto, em *Naming and Necessity*, a preocupação é outra: “Na presente monografia argumento contra aquele conceito de mundo possível como alguma coisa parecida com um planeta distante, como nossos vizinhos, mas existindo em uma dimensão diferente, ou pelo menos considero espúrio o problema da identidade através dos mundos.” (KRIPKE, 2012, p. 15). Pode-se justificar esta postura dizendo que o problema da identidade através dos mundos decorre de uma concepção realista de mundo possível a qual Kripke quer desvencilhar-se.

Farei uma breve incursão na semântica dos mundos possíveis, tal como apresentada por Kripke, com o objetivo de demonstrar o caráter meramente metodológico e estrutural da noção de mundo possível envolvido e depois examinarei essa noção à luz de *Naming and Necessity*². Kripke foi o criador da semântica dos mundos possíveis apoiado na ideia de relação de acessibilidade entre os mundos. Um mundo está numa relação de acessibilidade com outro se e somente se o primeiro for possível a este. Como Kripke diz (1963, p. 70), “Intuitivamente nós interpretamos a relação R da seguinte forma: dados quaisquer dois mundos, H_1 , H_2 pertencente a K, lemos, “ $H_1 R H_2$ ”, assim, H_1 é “possível em relação ao H_2 ”, “possível no H_2 ”, ou “relacionado com H_2 ”, ou seja, cada proposição verdadeira em H_1 é para ser possível em H_2 .” Em que K representa um conjunto de mundos possíveis e H_1 é o mundo atual.

Nestes termos, a condição para um mundo possível ser acessível ao mundo atual é que, o que for verdade naquele seja ao menos possível neste. O sistema de acessibilidade funciona da seguinte forma: tem-se um modelo estrutural $\langle G, K, R \rangle$ em que K representa um conjunto de mundos possíveis, G o mundo atual e R a relação de acessibilidade entre G e K. (KRIPKE, 1963, p. 69). A partir das restrições a relação de acessibilidade tem-se quatro sistemas de lógica modal, a saber [T, S₄, B, S₅]. O sistema T é o da reflexividade – “Se é necessário P então P” ou $\Box P \rightarrow P$. Mas, se R é transitivo o sistema é chamado de S₄, consente a transitividade e a reflexividade – “dado que é necessário P então é preciso que seja necessário P” ou $\Box P \rightarrow \Box \Box P$; se R é reflexivo e simétrico tem-se o sistema B – “dado P então é necessário que seja possível P” ou $P \rightarrow \Box \Diamond P$; e finalmente, se R é uma relação de equivalência ou envolve todas as propriedades dos sistemas anteriores, tem-se o modelo estrutural S₅ – “Se é possível P então é necessário que seja possível P” ou $\Diamond P \rightarrow \Box \Diamond P$. (KRIPKE, 1963, p. 70).

² Minhas referências ao *Naming and Necessity* remeterá a tradução portuguesa “O nomear e a necessidade” (2012).

Observe que os sistemas se constroem a partir das propriedades lógicas de R e, considere igualmente, que T é o sistema mais fraco por quanto se entende que o mundo atual é acessível a si mesmo.

Dito isto tem-se que:

- (i) Uma sentença atômica da forma $P(t_1, \dots, t_n)$ é verdadeira para um mundo (α) se e somente se $[Ref(t_1), \dots, Ref(t_n)]$ é um membro da $Ext(P, (\alpha))$;
- (ii) Uma sentença identidade $t=t'$ é verdadeira para um mundo (α) se e somente se $Ref(t)=Ref(t')$;
- (iii) $\sim P$ é verdadeira para (α) se e somente se P não é verdadeira para (α) ;
- (iv) $P \ \& \ Q$ é verdadeira para (α) se e somente se P é verdadeira para (α) e Q é verdadeira para (α) ;
- (v) $P \ \vee \ Q$ é verdadeira para (α) se e somente se ou P é verdadeira para (α) ou Q é verdadeira para (α) ;
- (vi) $\diamond P$ é verdadeira para (α) se e somente se para algum mundo h em K, P é verdadeira para h;
- (vii) $\square P$ é verdadeira para (α) se e somente se para todo h em K, P é verdadeira para h;
- (viii) $(\exists x)Px$ é verdadeira para (α) se e somente se para algum a em $d(\alpha)$, $P[a/x]$ é verdadeira para (α) ;
- (ix) $(\forall x)Px$ é verdadeira para (α) se e somente se para todo a em $d(\alpha)$, $P[a/x]$ é verdadeira para (α) .

É importante destacar que as cláusulas (vii) e (viii) expressam a ideia segundo a qual a verdade de uma sentença quantificada para um mundo refere-se somente a coisas as quais são objetos que existem para o mundo (FORBES, 1985, p.34). E, se em lugar da expressão “existe para um mundo” tivesse sido usado a locução “são atuais para um mundo”, seria dado o que se chama de interpretação atualista. Com efeito, a justificativa para tal interpretação poderia ser dada ao asseverar que este tratamento acomoda sentenças quantificadas não modais. Por exemplo, a asserção de que todas as coisas são feitas de matéria é verdadeira, se e somente se, tudo é feita de matéria no mundo atual, isto é, todas as coisas existentes são feitas

de matéria. Assim, todo objeto no escopo do operador modal, inclusive objetos quantificados, são interpretados de modo atualista³.

Não apresentarei os pormenores mais técnicos da semântica dos mundos possíveis de Kripke dado o objetivo deste artigo. Penso que o que foi apresentado com respeito a este assunto já permite percebermos o caráter naturalista – portanto, não-metafísico - da noção de mundo possível. Com isso, não quero dizer que esta concepção naturalista esgote tudo que Kripke compreende e discute sobre mundos possíveis. Neste sentido remeto a análise do conceito em *Naming and Necessity*.

Inicialmente, é preciso ter clareza que *Naming and Necessity*, é a transcrição de três palestras, ministradas por Kripke, na Universidade de Princeton nos Estados Unidos, precisamente nos dias 20, 22 e 29 de janeiro de 1970. Nesta condição, é um texto de aula em que o autor trata de semântica modal, elementos de epistemologia e filosofia da mente, logo, os temas não se esgotam em todos os seus pormenores, mas levantam uma série de questões cuja importância se perceberá nos anos seguintes, quando a obra se torna uma referência em filosofia analítica da linguagem.

Dada esta condição, o conceito de mundo possível e o modo como é usado para explicitar e demonstrar algumas teses relacionadas à semântica dos nomes próprios e relacionadas ao essencialismo, sugere uma imprecisão: as vezes Kripke trata o conceito de modo naturalista, outras vezes parece claramente comprometido com uma posição metafísica.

Já no prefácio da obra, Kripke procura esclarecer o uso que faz do conceito ao procurar dirimir possíveis mal entendidos. “Na presente monografia argumentei contra usos equivocados do conceito que veem mundos possíveis como planetas distantes (...)” (KRIPKE, 2012, p. 57). Nestes termos, ele já dá a diretriz de uma objeção a ontologias como a de David Lewis. Concepções realistas extremas conduzem, de acordo com Kripke, a “problemas espúrios de ‘identificação transmundial’”. De fato, como procurei mostrar, Lewis propõe a teoria da Contraparte como uma forma de dirimir esta questão, no entanto, esta “solução” não é suficientemente eficaz, porque exige o uso da categoria de similitude ou semelhança. Ao fim, as hipóteses sugeridas para dirimir o problema parecem mais complexas que o próprio problema.

³ “(...) uma proposição expressa por uma sentença que tem o seu quantificador interpretado como possibilidade pode também, esta proposição ser expressa por uma sentença cujo quantificador é interpretado de modo atualista” (FORBES, 1985, p. 243). Evidentemente Forbes oferece uma demonstração desta equivalência, a qual não interessa apresentar neste trabalho.

Kripke (2012, p. 58) propõe então, que o conceito de mundos possíveis seja compreendido como “estado ou história possível do mundo” ou “situação contrafactual”. Ao que parece, nesta condição, a expressão deixa transparecer um caráter anti-metafísico ou naturalista. Contudo, adiante Kripke adverte, “Mas não quero deixar a impressão exagerada de que repudio por completo os mundos possíveis, ou até de que os vejo como mero instrumento formal”. Se é assim, haveria uma diretriz para uma concepção anti-naturalista do conceito? À medida que ele repudia algumas concepções e outras não (KRIPKE, 2012, p. 58), cabe perguntar que concepção de mundo possível ele repudia. O exemplo dos dados, que ele apresenta, leva a crer que o repúdio se refere a uma concepção de mundo possível como uma entidade concreta do tipo *lesniewskiana*. Em virtude disso, afigura-se razoável admitir a aceitação, por parte de Kripke, do conceito como uma entidade abstrata, o que configuraria sua concepção de mundo possível como um realismo moderado.

(...) Mas quando a escola fala de trinta e seis possibilidades, não temos de modo algum que postular que há trinta e cinco outras entidades, existentes numa qualquer Terra do Nunca, que correspondem ao objeto físico que está à minha frente. Como também não temos de perguntar se estas entidades fantasmáticas são compostas por ‘contrapartes’ (fantasmáticas) dos dados individuais reais ou se são de algum modo compostas pelos mesmos dados individuais, eles próprios, só que ‘noutra dimensão’. As trinta e seis possibilidades, incluindo a que é real, são estados (abstratos) dos dados, e não entidades físicas complexas. (KRIPKE, 2012, p. 59)

Dada esta assertiva, tudo leva a crer que Kripke admitiria que considerações em torno de situações contrafatuais dão origem ao compromisso com a existência de entidades, desde que, para fins filosóficos, estas entidades sejam tomadas como abstratas (vê KRIPKE, 2012, p. 61). Embora, o que motivou a análise dos operadores modais, em termos de mundos possíveis, tenha sido o fato “(...) de permitir tratar a lógica modal através das mesmas técnicas conjuntistas da teoria dos modelos” (KRIPKE, 2012, p. 62. Nota 18), ou seja, razões estritamente lógicas.

Como uma entidade abstrata, os mundos possíveis resultam da atividade racional dos agentes localizados no mundo atual, especificamente, uma atividade de estipulação. Kripke assegura (2012, p. 93) que, “(...) um mundo possível é dado pelas condições descritivas que lhe associamos.”

Neste caso, mundos alternativos são possíveis dado que sujeitos no mundo atual sempre podem, diante de um estado de coisas a respeito de um objeto/indivíduo, perguntar o que poderia ter acontecido se as coisas pudessem ter ocorrido de outra maneira.

Não obstante, essa concepção sugerir uma posição naturalista, na verdade, o exame mais acurado revela o contrário: mundo possível como um particular abstrato em que transcorre para os objetos/indivíduos do mundo atual a vivência de situações contrafatuais. Neste sentido, “Podemos muito simplesmente considerar Nixon e perguntar o que lhe poderia ter acontecido a ele, caso diversas circunstâncias tivessem sido diferentes.” (KRIPKE, 2012, p. 97). Isso permite dirimir a discussão em torno da Teoria das Contrapartes de Lewis, pois, não precisamos, na perspectiva defendida por Kripke, encontrar em vários mundos possíveis as condições necessárias e suficientes para um indivíduo, digamos Pelé, ser tal nestes mundos. Com efeito, as condições de identidade de, no caso, Pelé, são constituídas no mundo atual e se preserva nos variados mundos possíveis em que Pelé exista, trata-se assim, de uma maneira de compreender a noção de identidade ao longo dos mundos possíveis, que constituirá a base para a teoria de Kripke acerca dos nomes próprios. Não tratarei da teoria aqui. Os objetivos do presente trabalho me impedem de estendê-lo ao exame de questões concernentes a semântica dessas expressões. É suficiente lembrar que o conceito de mundos possíveis, ao menos na filosofia analítica recente, é capaz de prover uma estrutura bastante poderosa para análise e o esforço de elucidar importantes enigmas semânticos e metafísicos. Não me parece que esse esforço ocorra sem um subjacente compromisso ontológico, até porque nenhuma estratégia de regimentação é neutra em sentido absoluto. É, segundo parece, o que ocorre com a concepção de mundo possível em Kripke.

Na verdade, Kripke desloca o centro do problema que girava em torno de existência física dos mundos possíveis, o que exigia um critério de identidade para os objetos nestes mundos, para a defesa de uma postura anti-realista, sobretudo, na sua semântica da quantificação da lógica modal, em que a ideia de mundos possíveis supõe uma atividade mental dos agentes localizados no mundo atual. Todavia, Kripke em *Naming and Necessity*, compartilha uma concepção mais objetiva ao sugerir mundos possíveis como estados possíveis ou situações contrafatuais do objeto localizado no mundo atual. Assim, concordo com Roy (1993, p. 357), quando afirma que “Talvez a ideia é que o processo imaginativo e estipulativo não determine o que os mundos são, mas somente que mundos estão em consideração em um dado contexto.”

5. Considerações finais

Uma metafísica dos mundos possível se apoia, mesmo antes de Leibniz, em um dado fundamental acerca da realidade, a saber, esta não se restringe ao mundo atual. Com efeito, a realidade se constitui em infinitas situações compostíveis, isto é, agregados de possibilidades logicamente compatíveis umas com as outras. Neste sentido, considerações em torno de situações contrafatuais acarretam, em maior ou menor grau, o compromisso com a existência de entidades exemplificadoras dessas situações, os chamados, mundos possíveis.

Saber se tais entidades têm uma existência concreta ou abstrata demanda análises, as quais se mostram sempre inconclusivas, como procurei demonstrar apresentando três hipóteses em torno do conceito de mundos possíveis: o realismo extremo de David Lewis, o realismo moderado de Robert Stalnaker e as concepções de Saul Kripke. Este último endossa concepções de mundos possíveis que parecem transcorrer entre o naturalismo – compreendendo mundos possíveis como uma categoria de elucidação dos conceitos modais de necessidade e possibilidade dentro da semântica da quantificação da lógica modal – e uma posição realista moderada, em que Kripke assume os mundos possíveis como entidades abstratas.

Destarte, procurei esboçar o exame de algumas linhas argumentativas em defesa das principais concepções em torno da metafísica dos mundos possíveis. Entendo, à luz do exame dessas concepções, sobretudo, das análises de Stalnaker, que podemos aceitar a estrutura dos mundos possíveis sem se comprometer com a ontologia que esta estrutura encontra-se irremediavelmente ligada. Isso não significa que a estrutura dos mundos possíveis seja metafisicamente neutra, mas os compromissos ontológicos estão longe de oferecer o significado último das expressões modais, nem parece ser esta a sua função. É neste sentido, portanto, que estou de acordo com Kripke.

Referências

- FORBES, G. *The metaphysics of modality*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- HAACK, S. *Filosofia das Lógicas*. Tradução de Cezar Mortari e Luiz Henrique Dutra. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- JACINTO, B. “Mundos Possíveis”. In: BRANQUINHO, J; SANTOS, R. (eds). *Compêndio em linha de problemas de filosofia analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. Disponível em:

http://www.compendioemlinha.com/uploads/6/7/1/6/6716383/bruno_jacinto_possible_worlds.pdf, acesso em: 01/08/2015.

KRIPKE, S. *O nomear e a necessidade*. Tradução de Ricardo Santos e Teresa Filipe. Lisboa: Gradiva, 2012.

_____. “Semantical analysis of modal logic I normal modal propositional calculi”. In: *Mathematical Logic Quarterly*, v. 9, n. 5 - 6, p. 67-96, 1963.

LEWIS, D. *Counterfactuals*. Oxford: Blackwell publish, 2001.

_____. *On the Plurality of Worlds*. Oxford: Blackwell, 1986.

_____. “Conterpart theory and quantified modal logic”. In: *The journal of philosophy*, vol. 65, issue 5, mar. 7, p. 113-126, 1968.

LEIBNIZ, G.W. *Discurso de metafísica*. Tradução de Manuel Fuentes Benot. Buenos Aires: Biblioteca de Iniciación Filosófica, 1960.

ROCHA, R. M. “O realismo modal de David Lewis: uma opção pragmática”. Goiana. 114p. Dissertação Mestrado. Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, 2010.

ROY, T. “World and modality”. In: *The philosophical review*, California, v. 102. n. 3, p. 335-361, july 1993.

STALNAKER, R.C. “Possible worlds”. In: *Ways a world might be: metaphysical anti-metaphysical essays*. Oxford: Oxford university press, p. 25-39, 2003.

_____. “Possible worlds”. *Inquiry*, Cambridge, a Bradford book the MIT, p.43-58, 1987.

Email: josailtonf@gmail.com

Recebido: 30/08/2015

Aprovado: 19/01/2016